



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO – PROEG
COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS - CIPE
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA A DISTÂNCIA

MARIA DAS DORES FERREIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E MOVIMENTOS SOCIAIS: o
caso dos alunos do ensino médio regular - Mogeiro/PB**

CAMPINA GRANDE – PB
2011

MARIA DAS DORES FERREIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E MOVIMENTOS SOCIAIS: o caso
dos alunos do ensino médio regular - Mogeiro/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade à Distância (Prolicenciatura) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia, em cumprimento às exigências legais.

Orientador (a): Ms. Celênia de Souto Macêdo

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F383e

Ferreira, Maria das Dores.

O ensino de Geografia e movimentos sociais.
[manuscrito] : o caso dos alunos do ensino médio regular
– Mogeiro / PB. / Maria das Dores Ferreira. – 2011.

21 f. il. Color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Licenciatura em Geografia) – Coordenadoria
Institucional de Programas Especiais, 2011.

“Orientação: Ma. Celênia de Souto Macêdo.”

1. Ensino de Geografia. 2. Movimentos sociais. 3.
Ensino médio. I. Título.

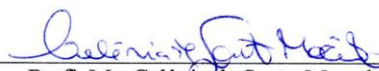
21. ed. CDD 372.891

MARIA DAS DORES FERREIRA

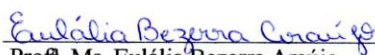
**O ENSINO DE GEOGRAFIA E MOVIMENTOS SOCIAIS: o caso
dos alunos do ensino médio regular - Mogeiro/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade à Distância (Prolicenciatura) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia, em cumprimento às exigências legais.

Aprovada em 21 / 12 / 2011.



Profª. Ms. Celênia de Souto Macedo
Orientadora



Profª. Ms. Eulália Bezerra Araújo
Examinador



Prof. Esp. Sebastião Valmir da Silva
Examinadora

O ENSINO DE GEOGRAFIA E MOVIMENTOS SOCIAIS: o caso dos alunos do ensino médio regular - Mogeiro/PB

¹FERREIRA, Maria das Dores.

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre o Ensino de Geografia e os Movimentos Sociais em sala de aula, no Ensino Médio na Cidade de Mogeiro – PB. Analisando como foram construídas as formas de pensar e de fazer o ensino de Geografia e os movimentos sociais entre a teoria e a realidade do aluno, já que a escolar encontra-se em um contexto de muitos movimentos sociais, a comunidade escola é composta por alunos de acampamentos diversos, com história de lutas e conquistas. Embora essa seja a sua realidade, o aluno não fala sobre tais assuntos e nem tão pouco é provocado pelo o professor. Nesse artigo, vamos abordar esse tema, para que possamos identificar o problema da ausência dos conteúdos sobre movimentos sociais na sala de aula, salientado que se trata da realidade dos alunos, e o porquê de tanta dificuldade em lidar com o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia. Ensino Médio. Movimentos Sociais. Cidadania.

1 INTRODUÇÃO

Mesmo sabendo que são inúmeros pesquisadores da área de geografia que se propuseram a estudar os movimentos sociais, o tema tem ficado ausente da sala de aula, principalmente pelo o professor de geografia, que apresentam grandes dificuldades para lidar com o tema.

Percebemos que os alunos não são levados a debater as questões mínimas referentes a movimentos sociais, tal assunto não faz parte das discussões na aula de geografia. É uma realidade, da qual só conhece aquele que faz parte, o assunto passa a ser tratado pela mídia, de certa forma nem tanto verdadeira, passando a existir um grande constrangimento com relação aquele aluno que faz parte de algum movimento, o levando a exclusão dos demais em sala de aula, muitas vezes chegam a negar suas origens. Passam a ser visto em sala de aula como alguém que faz parte de um grupo de “baderneiros”, muitas vezes como alguém que quer tomar o que é dos outros entre outros aspectos. Tudo isso passa acontecer devido à visão

¹Maria das Dores Ferreira. Email: dasdoresferreira@hotmail.com.

deturpada que se tem com relação aos integrantes dos movimentos sociais e das atividades por elas desempenhadas.

A partir desse princípio, procuramos sistematizar de forma clara e objetiva a relação dos movimentos sociais com a educação, em específico a prática de geografia em sala de aula, relacionada com a busca da cidadania, entendemos que é vista pelo o Estado como seu objetivo principal da educação, co-relação aos movimentos sociais são considerados como um bem, que um pequeno grupo privilegiado de acordo com sua classe social tem como bem.

Diante deste contexto, procuramos de forma clara e objetiva a relação existente entre a educação e os movimentos sociais, principalmente com o ensino de geografia em sala de aula e a contribuição do professor na busca constante da formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade na qual estamos inseridos exercendo nossa cidadania. Nesse aspecto não percebemos nem um trabalho feito em sala de aula pelo o professor de geografia em busca de desmistificar tal conceito.

Partindo desse princípio, trabalhamos com as turmas do 1º, 2º e 3º ano de Ensino Médio Regular, da cidade de Mogéiro/PB. Procuramos enfatizar que a nossa autonomia e fundamental pra que possamos assumir nossa identidade, determinando assim a responsabilidade que temos com nosso lugar, como cidadão.

Partindo desse princípio a geografia não anda assumindo seu papel, nesse processo, precisávamos possibilitar ao aluno a compreensão de território. Desta forma o aluno possa ter um conhecimento de mundo, e de sua participação pra a transformação do mesmo.

A realidade dos conteúdos que conhecemos em sala de aula através do livro didático, com relação aos movimentos sociais não corresponde a proposta do ensino de geografia, a escola não adotou livro, cada professor trabalhar individual da forma que achar melhor.

Não podemos deixar de falar nas lutas e conquistas territoriais, na importância dos movimentos sociais seja ele qual for para nossa história, transformações que só foram possíveis através dos mesmos. A geografia é parte fundamental nessas abordagens em qualquer esfera que trata da formação do cidadão, não esquecendo que estamos falando de algo que é obrigatório na constituição brasileira.

Atualmente, os trabalhadores reconhecem grandes vitórias através do movimento, como principal responsável por tudo isso eles atribuem a organização da comunidade, persistência que contribuiu para não desistirem da busca pela liberdade, e pelo direito de exercer a cidadania.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A QUESTÃO DA TERRA NO BRASIL E A AÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Sabemos que até a ocupação do território brasileiro pelos “colonizadores,” a propriedade da terra era comunal indígena. As terras foram todas consideradas propriedades da coroa, com o “descobrimento,” conseqüentemente, iniciou-se o processo de privatização das terras em 1530, com as capitânicas hereditárias que eram entregues aos donatários. A questão da posse da terra no Brasil, não é recente.

Na colonização, aconteceu através de um plano de povoamento com êxito mas, com resultado diferente num território com a dimensão do Brasil.

Segundo Lira (1975) em 17 de junho de 1822 põe-se um fim a esta lei, que durou três séculos e em 18 de setembro, após cerca de trinta anos sem legislação sobre a propriedade rural. Para se possuir terras tinha de pagar por ela, negando assim, a oportunidade aos escravos libertos de se tornarem proprietários. O acesso por outro meio que não fosse à compra, transformado a terra em mercadoria. A terra deveria ser legalizada, para isso eram necessário pagar uma certa quantia em dinheiro para coroa, só depois desse processo a pessoa poderia ser considerado proprietário da terra. Por ser uma lei discriminatória foram grandes as conseqüências da mesma, entre elas podemos destacar a imigração dos escravos para cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Na cidade e sem opção passam a viver de forma desumana e a consolidação do grande latifúndio como estrutura básica da distribuição de terras no Brasil.

No final do século XIX, os grandes latifundiários apoiaram os militares na queda do regime monárquico. A partir daí podemos observar que entre os trabalhadores rurais descontentes começa uma certa inquietação, sem grande expressão.

Nos anos 20 do século XX, começaram a surgir movimentos que defendiam reforma agrária e nos anos 30 surgem às associações de trabalhadores rurais, quando a industrialização e a urbanização começou a ser realidade e o agricultor começa a ter mais problemas. Foi na década de 60 que aconteceu um momento importante para a questão agrária brasileira. Conforme Stedile (1999) acumulam-se os problemas sociais no campo pela pressão de enormes contingentes de camponeses pobres, e continuava existindo uma política governamental para resolvê-los.

Nesse período, o País ainda era basicamente agrícola, onde a maioria da população vivia no meio rural, embora o processo de industrialização estivesse se intensificando. Apesar

de tudo, a discussão sobre a questão agrária avançou em diversos aspectos e os movimentos camponeses tornaram-se mais fortes e com organizações políticas e partidárias, consolidaram suas propostas e exigências de uma reforma agrária imediata.

Podemos afirmar que o quadro de injustiça engendrado pela concentração da propriedade de terras suscitou os movimentos de luta e protestos contra o poder inescrupuloso da elite agrária nacional. A insatisfação diante de arbítrio, do privilégio da aristocracia rural e das estruturas de poder fundadas na propriedade um bem que deveria ser coletivo, passou a se manifestar sob forma de revolta, organização e luta dos camponeses. Ao mesmo tempo, tais reações motivaram as contra reações por parte dos grandes proprietários, com o apoio do poder público.

2.2 A AÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DURANTE E APÓS OS GOVERNOS MILITARES

Posições ideológicas, interesses locais e regionais, influências e disputas de lideranças provocaram o surgimento de vários movimentos camponeses que abalaram as classes dominantes, ocasionando o golpe militar. Os movimentos sociais sofreram violenta repressão. As poucas desapropriações serviam apenas para diminuir os conflitos.

Com a vitória dos movimentos militar de 1964, varias organizações de trabalhadores foram extintas e seus lideres aprisionados e perseguidos,mas os sindicatos rurais foram mantidos embora com a substituição dos dirigentes por militares que merecessem a confiança do novo governo (ANDRADE, 1995). Nos anos da ditadura, apesar das organizações que representavam os trabalhadores rurais serem perseguidos, a luta pela terra continuou crescendo. Vale salientar, que foi daí que começaram a ser organizadas as primeiras ocupações de terra, não como um movimento organizado, mas sob influencias principal da ala progressista da Igreja Católica, que resistia à ditadura. Foi esse contexto que levou ao surgimento da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 1975.

Conforme Medeiros (1989), aos poucos se iniciou uma “abertura,” ou “distensão” com ela e ampliando-a, as classes populares conquistaram espaço no cenário político inclusive os trabalhadores rurais que nos anos mais negros da ditadura, resistiram e conseguiram articular forma próprias de organização”. Embora curta elas se mostrasse capazes de manter as bandeiras de luta dos anos 60. A demanda por reforma agrária continuava na ordem dia.

Nesse período, o Brasil vivia uma conjuntura de extremas luta pela abertura política, pelo fim da ditadura e de mobilizações operarias nas cidades. De acordo com Stedile (1999),

em relação aos movimentos sociais dos camponeses e a luta pela terra, os regimes militares introduziram a paz dos cemitérios, quando não escapam para o exílio, foram presos ou assassinados centenas de lideranças camponesas.

Vale salientar que o fim dos regimes militares, passa a acontecer no País como uma nova etapa com relação à reforma agrária. Os movimentos sociais dos camponeses ressurgem e também o debate político e intelectual sobre o tema. Podemos afirmar que tanto no governo quanto na sociedade, a questão do uso da terra voltou a ser centro das atenções. Novas propostas são apresentadas periodicamente, mas o avanço ainda é muito pouco, devido a forte resistência dos grandes latifundiários e seus representantes políticos.

É Neste contexto que se encontra a cidade de Mogeiro/PB. Na década de 60, acumulavam-se os problemas sociais no campo, em situação de gritante injustiça, podemos afirmar que era muita gente sem terra e muita terra sem gente. Muita violência dos latifundiários, desrespeito, do direito do cidadão, analfabetismo, falta de moradia, doenças, alta mortalidade infantil, preconceitos contra as mulheres, os negros entre outros.

A luta começou ali pelo ano de 1968, os problemas cada vez mais aumentava por terra para trabalhar, não tinha mais roçado. Cada vez mais a policia chega mais perto, chegou a um determinado momento que a gente só conversava através de códigos. Exemplo: quando tínhamos novidade, colocávamos um pano branco no rancho em cima das palhas. Se eu fosse falar desse movimento não terminava mais. (Depoimento de um membro do Assentamento D. Marcelo Pinto Cavaleira, Mogeiro/PB, 2011).

Era justamente essa realidade que se encontrava Mogeiro/PB. A agricultura dando lugar para o capim. Lentamente trabalhadores e trabalhadoras rurais despertavam para a necessidade de lutar pela terra, onde nasceram, cresceram e construíram suas famílias. Os conflitos sociais no campo tendiam aumentar, como consequência natural de enorme contradição que existe em nosso país, de um lado, vastas extensões de terra sem ser aproveitadas e apropriadas por latifundiários, de outro lado, enormes contingentes populacionais de trabalhadores que sabem e podem trabalhar a terra mas eram impedidos.

Para os pobres do campo, camponeses que antes sonhava com a reforma agrária e um pedaço de terra, os governos militares apresentavam apenas duas saídas sociais: a imigração para as cidades para servir de mão-de-obra barata às indústrias, ou para regiões ainda mais longínquas do norte do País, induzidos a isso e por falsas propagandas. (STEDILE, 1999, p.16)

Este momento fazia parte do início de uma fase marcada por grandes movimentos que marcaram a trajetória da luta pela terra no município. Podemos afirmar que foi a partir daí que passou a existir uma inquietação total no setor agrícola. Era uma luta em defesa do pão, em busca da sobrevivência de toda uma comunidade que via na terra a esperança de uma vida digna.

Figura 1 - Acampamento D. Marcelo Pinto Cavalheira.



Fonte: Pesquisa de campo (2011).

Entretanto, foi um momento de grandes decisões, agricultores foram presos e torturados em João Pessoa, tudo isso acontecia para que os mesmos relatassem os nomes das pessoas que segundo a polícia eram responsáveis por toda aquela insatisfação que acontecia na cidade de Mogeiro/PB e cidades vizinhas. Não tendo o resultado que esperavam e nenhum motivo para manter os trabalhadores presos, chegou à conclusão que deveriam soltar os trabalhadores e assim fizeram. Atualmente, os trabalhadores reconhecem grandes vitórias através do movimento, como principal responsável por tudo isso eles atribuem à organização da comunidade, persistência que contribuiu para não desistirem da busca pela liberdade, e pelo direito de exercer a cidadania.

Figura 2 - Açude do acampamento D. Marcelo Pinto Cavalheira.



Fonte: pesquisa de campo (2011).

Isso acontecia para que os mesmos relatassem os nomes das pessoas que segundo a polícia eram responsáveis por toda aquela insatisfação que acontecia na cidade de Mogeiro e cidades vizinhas. Não tendo o resultado que esperavam e nenhuns motivos para manter os

trabalhadores presos, chegaram à conclusão que deveriam soltar os trabalhadores e assim fizeram.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 CARACTERÍSTICAS DA ÁREA ESTUDADA

Sabemos que as particularidades físicas e naturais que compõem os aspectos geográficos são determinantes para caracterizar uma localidade. Desta forma, os aspectos físicos da terra: o relevo, a vegetação e o clima de uma determinada região e a relação entre meio natural e os grupos humanos que compõem a organização do espaço geográfico, onde, segundo Dollfus (1991, p. 119) esta organização depende de múltiplos fatores, alguns dos quais ligados ao meio natural e outros as necessidades e aspirações das coletividades humanas”.

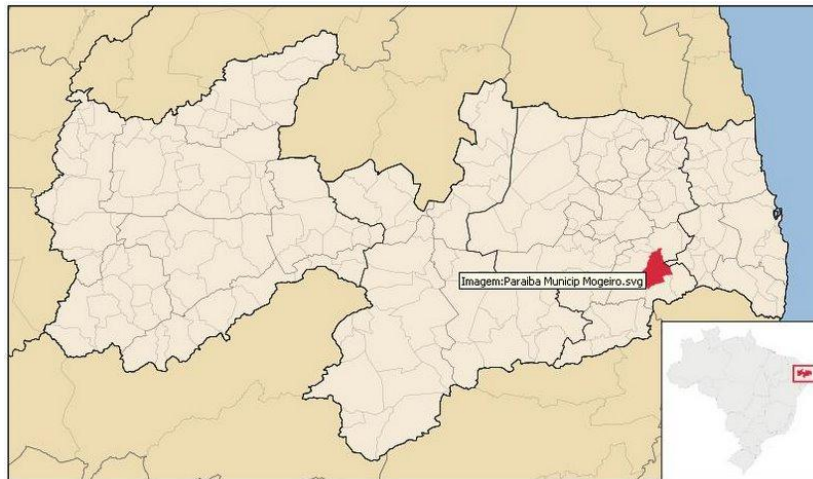
Figura 3 - A cidade vista da Serra de Guararema



Fonte: Pesquisa de campo 2011.

O município de Mogéiro, distante 97 Km da capital, João Pessoa, está localizado na microrregião de Itabaiana, pertencente à mesorregião do agreste paraibano. Possui uma área de 193,9 km², altitude aproximadamente 117m e suas terras são cortadas por serras e pela BR 230 a cidade pela PB 054. Seus limites são: Norte, Juarez Távora e Gurinhém, Sul, Salgado de São Félix, Leste, São José dos Ramos e Itabaiana e o Oeste, Ingá e Itatuba.

Figura 4 - Microrregião geográfica - Itabaiana

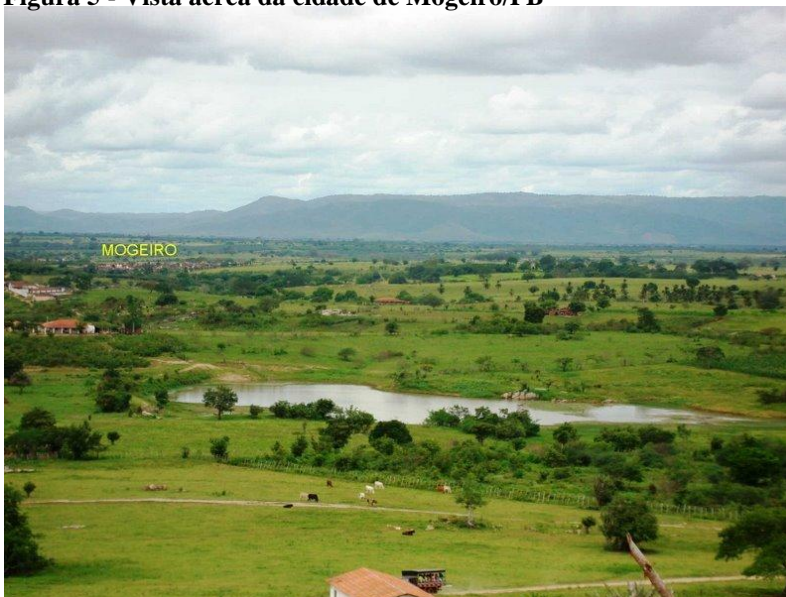


Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mogeiro>.

O município dispõe de clima saudável, seco e quente no verão. A sua temperatura oscila entre 26° e 33°, durante o verão.

Segundo Lira (1975) origem do povoamento do município de Mogeiro é desconhecida. Suas terras eram habitadas pelos índios Cariris. Seu O primeiro registro de posse que conhecemos foi requerido em 11 de maio de 1758, por Manoel Pereira de Carvalho ao então Governador da província, José Henrique de Carvalho. Conforme relatos, na época, o riacho de Mogeiro, que margeia a cidade, era o referencial para demarcação das terras. Presume-se que seu povoamento antecede essa data.

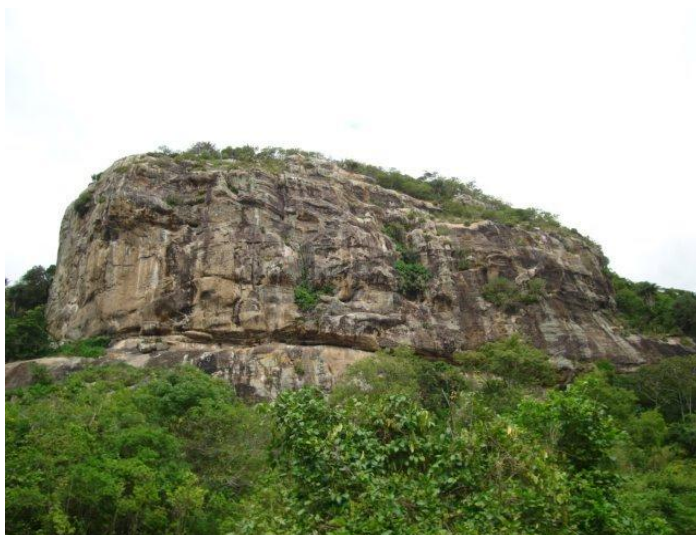
Figura 5 - Vista aérea da cidade de Mogeiro/PB



Fonte: Pesquisa de campo 2011.

Desta forma recebeu o nome de um riacho que corta suas terras “Riacho de Mogeiro”, cuja significação ainda não foi descoberta, apenas existem hipóteses a esse respeito. Dizem que veio do substantivo masculino “Mugeiro”, que significa espécie de águia que pesca mugens, outra diz que veio do vocabulário indígena “mong-eir” e significa mel pegajoso. Outra versão, refere-se aos monges que habitavam a região. Nas suas moradias, conservadas até a metade do século passado, celebravam missas, realizavam batizados, casamentos e novenas. Há quem diga que os Monges residiam nas proximidades de uma pedra denominada de Pedra do Convento e a origem do nome vem já junção dos nomes Monge+Lajedo= Mongeiro, depois Mogeiro. Podemos afirmar que essa é a versão mais conhecida pela população.

Figura 6 - Pedra do Convento – Mogeiro/PB



Fonte: Pesquisa de Campo 2011.

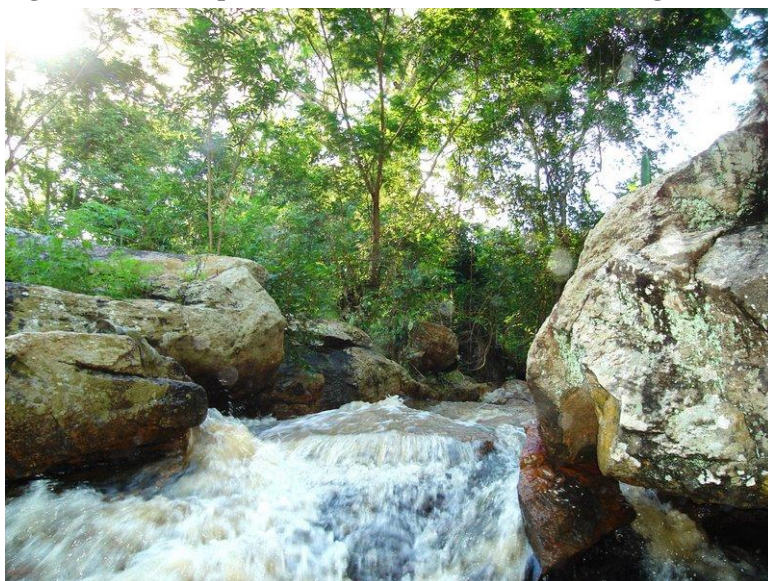
De acordo com Lira (1975), foi a Lei nº. 612 de 05 de julho de 1876, que criou o Distrito de Paz de Mogeiro, vinculado à jurisdição do município do Ingá. Em 18 de maio de 1890 a Lei nº. 125, assinada pelo governador Venâncio Neiva, o anexou ao município de Itabaiana, a quem pertenceu até sua emancipação. Isso deveu em parte, ao Conselheiro Manoel Faustino da Silva que, junto com seu irmão, João Paulo da Silva Gozavam de grande prestígio nos meios representativos do estado. Cujas emancipação deu pela Lei nº. 2.618 de 12 de dezembro de 1961, com a denominação de Mogeiro e seu gentílico de mogeirese.

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), baseado no Censo 2010, Mogeiro tem uma população estimada de 12.491hb, Zona urbana 5.583, zona rural 6.908, masculino 6.078e feminino 6.423. Ainda de acordo com o IBGE (2003). Possui um PIB (produto Interno Bruto) de R\$ 33.686.445,00, gerando uma renda per capita de R\$

2.551,04. Seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é de 0.545 e sua densidade demográfica de 64,41hab/Km².

O Município é cortado por vários riachos, sendo o principal o de Mogeiro, que nasce na Serra da Boa Vista a 10Km da cidade e, após percorrer aproximadamente 50Km, deságua no Rio da Paraíba. Seus afluentes são os riachos de: Benta Hora, Goiti, Travessão, Gameleira, Cafundó, Mendé, do Meio e Mulungu, conforme figuras abaixo:

Figura 7 - Riacho que nasce na Serra de Boa Vista e deságua no Rio Paraíba.



Fonte: pesquisa de campo, 2011.

Existem outros riachos, juntamente com três lagoas barreiros, cacimbas e aproximadamente 10 açudes, formam a rede fluvial do município. As três lagoas, fontes de águas temporárias, são conhecidas como Lagoa dos Ferreiros, dos Cavalos e de Cariatá. Com relação aos açudes, temos o do Estado, construído em 1877 com verbas enviadas pelo Governo Imperial, que no inverno se transforma em balneário para a população, e outro particular que era conhecido como Açude Grande, construído pelo Sr. Firmino Florentino Augusto da Silva e que a partir de 16 de dezembro de 1998 passou a pertencer ao assentamento agrícola João Pedro Teixeira. Atualmente foi extinto pelas as enchentes deste inverno.

Figura 8 - Açude do Estado, construído em 1877, com verbas enviadas pelo governo imperial.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

O abastecimento de água potável nos domicílios de Mogeiro ainda segue da forma tradicional, ou seja, são feitos por transportes humano ou animal dos açudes, barreiros e cacimbas existentes na região, principalmente na zona rural. No entanto, em períodos de estiagem o abastecimento se dá através de carros pipas, custeados na zona rural, pelo Governo Federal e na zona urbana pelos os governos, Estadual e Municipal.

Figura 9 - Açude Grande, construído pelo Sr. Firmino Florentino Augusto da Silva. Atualmente extinto pelas enchentes.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

De acordo com a CAGEPA (Companhia de Água e esgoto da Paraíba) baseado em dados de 2011, atualmente, 80% dos logradouros da zona urbana são abastecidos. A água distribuída é proveniente de um poço perfurado no Rio da Paraíba, imprópria para consumo humano por não receber o tratamento adequado para esse fim. A mesma é utilizada nos afazeres domésticos e de higiene da população. A cidade não dispõe de saneamento básico em seus domicílios.

4 DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

4.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA, CONTEÚDOS SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS

No decorrer deste trabalho sobre os movimentos sociais no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, trabalhando com entrevistas organizadas, questionários, tendo como público alvo aluno e professor de geografia. Descobrimos que o tema movimentos sociais, é discutido em sala de aula de forma que deixa muito a desejar.

Vale salientar que a escola não adotou livro de geografia, entretanto, encontramos uma pequena abordagem do assunto no 2º ano, em um dos livros de geografia que o professor usa para pesquisar seus conteúdos pra sala de aula.

De acordo com essa realidade, no decorrer de nossa pesquisa conversamos com os alunos e sugerimos que respondessem algumas perguntas, sob forma de questionário, com o compromisso que não seria divulgado o teor desse questionário. Nesse sentido elaboramos as seguintes perguntas;

- 1) você sabe o que é movimentos sociais?
- 2) quais são os movimentos sociais que você já ouviu falar?
- 3) em sua cidade existem movimentos sociais?
- 4) qual a importância dos movimentos sociais para sociedade?

A partir desses questionamentos deixamos o aluno livre para que pudesse responder tais perguntas. Com as respostas em mãos descobrimos que o nosso aluno não soube responder o questionário sugerido. Não conseguiram nem se quer identificar na sua cidade, no seu cotidiano a presença de movimentos sociais. Desta forma não sabiam nada com relação à importância dos movimentos sociais para a sociedade. Entretanto, percebemos que alguns alunos descreveram algumas resistências às ações dos movimentos sociais. Percebemos que se referem às informações dos movimentos sociais simplesmente pelas informações mostrada pela mídia, que são totalmente direcionadas a denegrir os movimentos sociais.

Vale ressaltar a participação do aluno que faz parte dos movimentos sociais. Em suas respostas de forma confusa, sem nenhuma compreensão maior do assunto, ele assume fazer parte, mas, são seus pais os responsáveis pela participação da família no movimento. De certa forma fica clara em suas respostas que ele não gostaria de fazer parte de tal movimento. Em sua concepção não é nada agradável, não gosta de falar do assunto, de acordo seus relatos já sofreu muitas perseguições e foi vitimas de piadas em sala de aula, muitos colegas chegaram a desistir dos estudos.

Embora, o entendimento do aluno sobre movimentos sociais nos preocupou, algo mais grave ainda iríamos descobrir com relação ao professor de geografia. Quando trabalhamos com o professor em nossa pesquisa, buscamos junto ao professor de geografia como acontece as abordagens sobre os movimentos sociais em sala de aula,ele respondeu de forma clara e objetiva que sua disciplina não procura um aprofundamento maior com relação aos movimentos sociais,já que em sua opinião é a disciplina de História que tem obrigação e responsabilidade maior com o referido assunto.

Dessa forma, não encontramos no professor de geografia em nenhum momento sua relação com as características principais do ensino de geografia. Principalmente pelo o fato de transferir suas responsabilidades para outra ciência. Podemos afirmar que a geografia ensinada no ensino médio na referida cidade, não condiz com as necessidades do aluno para a sua formação, e para seu engrandecimento como pessoa, já que os movimentos sociais estão inteiramente ligados ao cotidiano dos alunos e mesmo assim não são discutidos nos debates em sala de aula.

Neste contexto, podemos dizer que o professor de geografia no processo de ensino-aprendizagem não procura desmistificar conceitos e informações, que procura transformar o aluno um individuo sem discernimentos com relação as praticas sociais e verdadeira natureza dos movimentos. O ensino de geografia deixa muito a desejar, não acontece o processo de socialização dos conteúdos com a realidade do aluno, sem contribuir para importância do desenvolvimento do aluno como cidadão:

Pode-se dizer que a crise da geografia na escola se resume essencialmente na crise de sua finalidade. Ensino com função ideológica, sua eficácia se vê contestada por discursos mais “modernos” (economia, sociologia, etc.). Marginalizada no momento da adaptação da escola às necessidades profissionais, a geografia está minada a sua aparente incapacidade de dar conta das lutas onde o espaço está em jogo. (BRABANT; OLIVEIRA, 1998, p. 22).

Na verdade, a cidadania em todo o seu processo teve e tem até os dias atuais os movimentos sociais como base para tais conquistas, não podemos deixar de destacar a

educação como uma das grandes conquistas dos movimentos sociais. Isso aconteceu através de um processo de construção da cidadania.

Durante nossa pesquisa não percebemos nenhuma articulação dos professores de geografia, levando em consideração que no município de Mogéiro, os movimentos sócias no campo vem crescendo acentuadamente. Percebemos que o professor de geografia mesmo com essa realidade limita-se aos poucos livros didáticos que não apresenta nem uma condição para o melhoramento do ensino sobre movimentos sociais:

É preciso entender que o processo de conhecimento se dá de acordo com o processo de socialização pelo o qual passa os indivíduos. Portanto, numa sociedade de classe a socialização se faz sob interesses antagônicos, opondo sempre uma ideologia dominante à outra dominada. Dessa forma, numa sociedade capitalista, a educação busca valores que sirvam para afirmar a dominação burguesa, mesmo que sob os princípios de liberdade e igualdade. (OLIVEIRA, 1998, p. 11).

4.2 RELAÇÃO DO PROFESSOR COM O LIVRO DIDÁTICO

Com relação ao livro didático, apesar de toda uma política publica direcionada a distribuição de livros, onde a escola e o educador tem liberdade de escolha, de acordo com a proposta política pedagógica (PPP), de sua escola. Salientado a importância do mesmo para o ensino de geografia em sala de aula, dependendo das atividades trabalhadas pelo o professor, observamos que não existe uma busca por novas pesquisas, novas descobertas.

Embora falte esse interesse, o professor demonstra sua limitação aos livros, especificamente aos de abordagens antigas, como se a geografia fosse uma ciência exata.

Na maioria desses livros são limitados os conteúdos que falam em movimentos sociais, e na maioria dos casos trazem pequenos tópicos sobre, movimentos operários, movimentos urbanos e o MST (Movimento Sem Terra). O professor tem possibilidades de utilizar vários mecanismos para dinamizar suas aulas de geografia abordando temáticas como movimentos sociais entre outros.

Sabemos que o livro didático apesar de sua contribuição não foi e nunca será suficiente para o ensino aprendizagem de modo geral. Principalmente pela a falta de conteúdo que abranja a realidade de cada região, e da realidade da comunidade escolar. O professor precisa de uma busca constante de aprimoramento, com discussões relevantes, com novas propostas para o ensino de geografia. Dessa forma podemos dizer que o ensino de geografia possa fazer parte da formação do cidadão, por que não dizer, da sociedade como um todo.

5 CONCLUSÃO

Após o término do nosso trabalho, observamos toda dificuldade para com as discussões com relação aos movimentos sociais no Ensino Médio Regular, na cidade de Mogi, tais fatos podem atribuir a falta de conhecimento do professor para com relação aos movimentos sociais e a educação e na contribuição para a formação do cidadão. O professor de geografia, não consegue demonstrar segurança com relação aos movimentos sociais.

Observamos que o professor delimita-se ao livro didático, com abordagens desatualizadas, transferindo sua responsabilidade para outras ciências. Com isso os movimentos sociais vêm perdendo espaço nesse meio, deixando de fazer parte na construção sócio - política do aluno.

Nesse sentido, visualizamos uma certa falta do conhecimento do professor como um todo, talvez as universidades deveriam repensar o ensino de geografia e o seu papel no desenvolvimento da sociedade. Os movimentos sociais precisam ser vistos com a proporção que merecem, para que fique claro a sua importância na sociedade, como parte fundamental na construção da cidadania.

De acordo com Gohn (2001), no Livro Movimentos Sociais e educação, ela faz uma trajetória da história dos movimentos sociais e sua relação com a educação, no processo da construção dos conceitos de cidadania, procurando nos mostrar a importância do estudo de forma sistematizado dos movimentos sociais e da apropriação desses conceitos pelo o Estado.

Neste cenário percebemos o professor de geografia como peça fundamental, o mesmo será mediador de todo um processo de desmistificação de mitos e construção de uma nova visão com relação aos movimentos sociais. Para que isso aconteça precisamos de professor preparado tanto teoricamente, quanto na prática, para que possa entender as necessidades do aluno, como um ser, inserido em um espaço que precisa ser respeitado de acordo com sua cultura, suas crenças e seu modo de vida.

O professor de geografia tem a obrigação de levar para sala de aula a realidade do aluno, buscando subsídios de forma que contribua para o engrandecimento do aluno com ser crítico de um espaço do qual faz parte. O ensino de geografia deve ser responsável pela construção de espaço para discussões, onde o aluno seja o sujeito mediador, consciente, crítico capaz de discutir tais abordagens de forma geral.

Será necessário uma abordagem maior na comunidade escolar com relação aos movimentos sociais, de forma que seja conhecido a partir de sua verdadeira face e através de suas ações políticas e seus objetivos. Precisamos avançar com essas temáticas com a

participação do professor de forma mais consistente, para que possamos contribuir com a formação crítica dos alunos de forma global.

ABSTRACT

The teaching of geography and social movements: The case of the regular high school students - Mogeiro/PB. The aim of this paper is to reflect on the Teaching of Geography and Social Movements in the classroom, in high school in town Mogeiro-PB. Analyzing how they were constructed ways of thinking and making the teaching of Geography and Social Movements between theory and reality of the student since the school is in a context of many social movements, the school community and composition for students various accompaniments, with a history of struggles and achievements. Although his is their reality, the student does not talk about such matters and neither is caused by the teacher. In this article, we address this issue, so we can identify the problem of lack of content on social movements in the classroom, stressing that it is the students' reality, and why so much difficulty dealing with the issue.

KEYWORDS: Teaching geography. Middle school. Social Movements. Citizenship.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **A terra e o homem no Nordeste:** contribuição ao estudo da questão agrária no nordeste. 6. ed. Recife: ED.Universitária UFPE, 2009.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Relatório conflito no campo BRASIL -97.** Passo Fundo: Pe.Berthier dos missionários da Sagrada Família,1998.

DOLLFUS, O. **O Espaço Geográfico.** 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrad Brasil S/A, 1991.

FERNANDES, B. M. **Movimento Social como Categoria Geográfica.** In: Terra Livre, n. 15. São Paulo: AGB, 2000.

FERREIRA, N. T. **Cidadania: uma educação para educação.**1. ed. São Paulo: Nova, 1993.
IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Censo 2010.**

LIRA, M. S. **Resumo Histórico de Mogeiro.** Recife: Recife Gráfica e Editora, 1975.

MEDEIROS, L. de S. **História dos movimentos sociais no campo.** Rio de Janeiro: ED, 1998.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. A lei e as ocupações de terras. São Paulo: Peres, 1998.

OLIVEIRA, A. U. **Para onde vai o Ensino de Geografia?** 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

PESQUISA DE CAMPO: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/mogeyiro>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

STEDILE, J. F. B. M. **Brava Gente:** a trajetória do MST e a luta pela a terra no Brasil. São Paulo, Fundação Persen Abraão, 1999.